

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



TAUNAY, Affonso d' Escragnolle

(Nossa Senhora do Desterro, 1876 – São Paulo, 1958)

Affonso d' Escragnolle Taunay nasceu em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis-Santa Catarina-Brasil) em 11 de julho de 1876, cresceu e se educou na capital do então Império do Brasil, Rio de Janeiro, de onde se mudou apenas aos 23 anos para trabalhar em São Paulo. Era filho de Cristina Teixeira Leite Taunay (1854-1936) e de Alfredo d' Escragnolle Taunay (1843-1899), mais conhecido pelo título de Visconde de Taunay, que lhe foi concedido pelo Imperador D. Pedro II em 1889. A família Taunay veio para o Brasil integrando a Missão Artística Francesa de 1816, uma das iniciativas ilustradas do monarca D. João VI. Na ocasião, Nicolau Antônio Taunay (membro fundador do Instituto de França, paisagista e pintor de história) e seu irmão Augusto Maria Taunay (decorador do Palácio do Louvre e escultor da manufatura de Sèvres) aceitaram o convite de Joachim Lebreton para compor um grupo que fundaria a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, cujos integrantes eram Jean Baptiste Debret, Carlos Simão Pradier, Segismundo Neukomn, Grandjean de Montigny e Marcos e Zeferino Ferrez. A viagem para o Brasil trouxe praticamente toda a família e dentre os filhos de Augusto Maria Taunay estava Félix Emílio Taunay que substituiu o pai na cadeira de pintura da Escola de Belas Artes, da qual chegou a ser diretor. Com vocação para humanidades, foi preceptor de D. Pedro II, além de ter dado origem à família Escragnolle-Taunay ao casar-se com a filha do Conde d'Escragnolle (1785-1828) oriundo de uma família que chegou ao Brasil em 1808. Félix Emílio participou intensamente da vida cultural do Rio de Janeiro ocupando-se, em colaboração com Grandjean de Montigny, de projetos de urbanização e ajardinamento da cidade, traduzindo obras didáticas francesas para o uso de estudantes no Brasil e em 1838 foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Este legado foi transmitido ao filho Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido em 1843, homem de reconhecido destaque na vida política, militar e literária. Formado em engenharia militar, participou de um dos episódios da guerra do Paraguai, *A Retirada da Laguna*, cuja narrativa ele compôs após a chegada dos “fundos sertões” de Mato Grosso utilizando-se de anotações e, principalmente, da memória.

Alfredo d'Escragnolle Taunay direcionou os estudos humanísticos de seu filho Affonso d'Escragnolle Taunay para o colégio D. Pedro II e a formação profissional para a engenharia civil na Escola Politécnica do



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Rio de Janeiro. Affonso Taunay formou-se em 1900 e, ainda no ano anterior, após a morte do pai, foi trabalhar como preparador de Química Analítica e Química Industrial no curso de Engenheiros Industriais da Escola Politécnica de São Paulo. Dois anos mais tarde, foi efetivado nessa função, assumiu em 1904 o cargo de professor substituto e, em 1911, se tornou catedrático. A nova vida em São Paulo também resultou no casamento, em 1907, com Sara de Souza Queiroz, integrante de uma das tradicionais famílias paulistas. Paralelamente ao ensino universitário, Taunay também se dedicou ao ensino secundário. Em 1902, tomou contato com os projetos de D. Miguel Kruse, diretor do Mosteiro de São Bento, para a construção de um Ginásio ao lado do Mosteiro. A obra foi inaugurada no ano seguinte e Taunay assumiu as aulas de Física, Química, História Universal e do Brasil naquela instituição. Ainda vinculado aos beneditinos, em 1911 ele inaugurou o curso de História Universal na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Ali, no Mosteiro de São Bento em São Paulo, o jovem engenheiro começava oficialmente a sua carreira de historiador por vocação.

A convivência entre as áreas de formação e de vocação marcaram sua carreira. Na Escola Politécnica publicou em 1909, aos 33 anos, sua primeira obra: *Léxico de termos técnicos e científicos*. No ano seguinte, sob o pseudônimo de Sebastião Corte Real, publicou seu primeiro livro de história, o romance histórico *Crônica do tempo dos Filipes*. A narrativa começa em Lisboa, 3 de maio de 1631, na noite anterior à viagem da esquadra de D. Antonio de Oquendo ao Brasil e se desenrola no cenário da Bahia colonial durante a batalha travada contra os holandeses no século XVII. Tal batalha é permeada pelo romance entre Leonor de Ávila e Jorge de Lorena. Ela, protagonista da história, é referência para a maioria dos homens cujas descrições e narrativas a respeito de sua figura e viagens pela Europa trazem versões desconhecidas, entrelaçadas de mistérios envolvendo a convivência desta mulher de origem indefinida pela parte materna, pois órfã quando menina, com ciganos, judeus, mouros de Granada, além dos hereges luteranos e calvinistas. Ele, Jorge de Lorena, brasileiro nascido no Rio de Janeiro e entregue pelo pai a um parente, comandante de um galeão real, foi para Portugal aos doze anos. Após quinze anos de navegação e combates, retorna à terra natal como comandante para combater os invasores e encontrar o seu grande amor. Essa obra foi avaliada em 1911 pelas comissões de admissão dos sócios, tanto do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) quanto do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), e permitiu seu ingresso nessas importantes instituições historiográficas daquele tempo.

Sua colaboração na imprensa foi ampla e duradoura, com destaque para as publicações no *Jornal do Comércio* (São Paulo e Rio de Janeiro), *Revista do Brasil*, *Digesto Econômico*, *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), *Revista Numismática*, *Revista do Instituto do Café*, *Revista da Academia Paulista de Letras*, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* e, sobretudo, na *Revista do Museu*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Paulistae no veículo criado por ele para a publicação de estudos históricos e documentos, os *Anais do Museu Paulista*.

A criação desse periódico se deu como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil em 1922. Nomeado para o cargo de diretor do Museu Paulista em 1917, Taunay assumiu um museu consolidado como referência nacional e internacional nos estudos em diversos ramos das Ciências Naturais e o transformou em um Museu de História dedicado à epopeia bandeirante. Sua missão era preparar aquele espaço que trazia um esqueleto de baleia no *hall* de entrada e o quadro de Pedro Américo “Independência ou Morte!”, pintado entre 1886 e 1888, no Salão de Honra em um museu capaz de contar a história de um território colonizado pelos portugueses que se tornou um país independente em 1822. Com uma visão museológica aguçada, Taunay foi responsável pela remodelação completa do Museu Paulista, pois, a partir da recolha de documentos visuais, sobretudo da cartografia colonial, e textuais e da utilização desse material para a orientação de pintores e escultores com quem trocava cartas cotidianamente, Taunay criou os cenários que contam a história daquilo que ele chamou de a “conquista do Brasil pelos brasileiros”. Ocupou-se em pesquisar o papel dos sertanistas da capitania de São Paulo na exploração e ocupação do território brasileiro, dedicando-se, especialmente, ao estudo de aspectos variados do cotidiano da História de São Paulo e, assim, encontrou no Museu Paulista as condições ideais para localização e publicação de documentos que contribuíram para a invenção de uma iconografia paulista do período colonial. Permaneceu nesse cargo até 1945 e consagrou-se como um dos principais historiadores de seu tempo sendo eleito para Academia Paulista de Letras e para a Academia Brasileira de Letras em 1929. Inaugurou, em 1934, a Cátedra de História da Civilização Brasileira no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da, hoje renomada, Universidade de São Paulo. Tal proeminência lhe valeu a indicação e eleição como membro honorário, aos 27 de dezembro de 1944, para a prestimosa *American Historical Association* ao lado de Johan Huizinga, D. Rafael Altamira y Crevea, Pierre Caronm, Albert Pollard, Georg Macauley Trevelyan e Domingo Amnátégüi y Solar.

Sua principal obra, *História geral das bandeiras paulistas*, carrega como subtítulo o dístico principal de sua perspectiva historiográfica: *escrita à vista de avultada documentação inédita dos arquivos brasileiros, espanhóis e portugueses*. Essa obra se caracteriza pela busca da verdade moderna por meio da crítica interna e externa das fontes, conforme as indicações de Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942), pelo confronto com as produções a respeito do tema e, sobretudo, por meio das orientações de João Capistrano de Abreu (1853-1927). Ao narrar os documentos depurados pela crítica documental e pelo diálogo com as outras produções do período, ele construiu uma História épica das bandeiras paulistas e colaborou para a criação das narrativas fundamentais para a formação da identidade de São Paulo. Esse trabalho monumental resultou em onze volumes, publicados entre 1924 e 1950, dedicados a provar sua tese de que São Paulo foi o centro irradiador dos “bravos” sertanistas que



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

desbravaram o Brasil, transformando uma pequena extensão de terra, delimitada pelo Tratado de Tordesilhas, em uma nação quase continental. Sua perspectiva histórica se contrapunha à chamada “história batalha” dedicada à história militar e administrativa e se vinculava à ruptura historiográfica operada por Capistrano de Abreu, voltando-se para o estudo da história econômica, religiosa, literária, artística e científica.

Os vínculos com Portugal foram fortes e mantidos por longo período, especialmente, por meio da relação estabelecida com João Lúcio d’Azevedo. O encontro com João Lúcio d’Azevedo ocorreu na década de 20 quando da divulgação dos livros *São Paulo nos primeiros anos*, *São Paulo no século XVI* e *Piratininga*, publicados respectivamente em 1920, 1921 e 1923. Inaugurava com essa trilogia a já anunciada narrativa da “conquista do Brasil pelos brasileiros” com as características que marcaram a sua escrita a respeito do passado colonial brasileiro. O responsável por apresentá-los foi o escritor e amigo Alberto Rangel (1871-1945) que enviou exemplares dos livros de Taunay a João Lúcio d’Azevedo. O historiador português confessou em cartas enviadas a Taunay que sua obra “prende a atenção como um romance, e a gente sente-se viver no seio daquele Brasil rudimentar”. Essa percepção de João Lúcio era partilhada por muitos estudiosos do período que elogiavam a capacidade de Taunay suscitar na mente do leitor as cenas da vida cotidiana quinhentista. Com esse senso teatral, Taunay compôs não somente as exposições do Museu Paulista, como participou, ao lado de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), da execução de dois filmes de Humberto Mauro (1897-1983): *O descobrimento do Brasil* (1937) e *Bandeirantes* (1940). João Lúcio se mostrava interessado por esses desdobramentos da historiografia brasileira e solicitava ao seu novo amigo brasileiro as revistas dos Institutos do Rio de Janeiro, do qual era sócio correspondente desde 1895, e de São Paulo, bem como a coleção de documentos utilizados na composição de seus livros. Em contrapartida, o historiador português representava o vínculo mais estreito de Taunay com os arquivos portugueses e, portanto, ele sempre se servia dos préstimos do amigo para conseguir cópias de documentos para o Museu Paulista e para suprir as lacunas de suas pesquisas particulares. Na obra de Taunay, bem recebida por João Lúcio mais pelo estilo e pelo método do que propriamente pelo tema, o progresso do Brasil já se anunciava nos primeiros anos de São Paulo no século XVI. Em contrapartida, no texto *Política de Pombal relativa ao Brasil* apresentado pelo historiador português em 1922 no Primeiro Congresso de História da América realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando o Brasil celebrava a sua Independência de Portugal, o Marquês de Pombal aparece como responsável por “assentar as bases da nacionalidade”. Os intercâmbios entre esses letrados são capazes de nos informar um campo de disputas por verdades históricas a respeito do passado de Brasil e Portugal. Se no campo teórico partilhavam do apreço pelos “princípios modernos” de crítica das fontes com o objetivo de alcançar a verdade, o conteúdo dessa verdade poderia ser e foi distinto. A História Econômica é outro viés importante da produção de Taunay que o liga ao autor de *Épocas de Portugal Econômico*. No final da década de 20, Taunay participou



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

da comemoração do bicentenário da introdução do café no Brasil, promovida pelo Departamento Nacional do Café, e foi solicitado pelo então diretor do Departamento, Armando Vidal, para escrever a História do Café no Brasil. Como primeiro resultado dessa pesquisa, Taunay publicou em 1934 uma síntese intitulada *A propagação da cultura cafeeira* e, prosseguindo nesse trabalho, ele publicaria entre 1939 e 1943 os quinze volumes da *História do Café no Brasil*, especialmente dedicados à publicação de importantes fontes para o desenvolvimento da História Econômica no Brasil.

Outro diálogo que marcou suas obras se deu com o filólogo português Antonio Cândido de Figueiredo, autor do Novo dicionário da língua portuguesa. Após a publicação em 1909 do *Léxico de termos técnicos e científicos* que tratava das deficiências dos dicionários de língua portuguesa, publicou *Léxico de lacunas*, em 1914, cujo objetivo ele apresentou no longo subtítulo: “léxico de termos vulgares, correntes no Brasil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de acepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dicionários da língua portuguesa”. Para suprir as deficiências dos dicionários, Taunay arrolou mais de dez mil lacunas visando não apenas acrescentar, mas também corrigir os erros existentes no trabalho do lexicógrafo Cândido de Figueiredo. Essa polêmica rendeu a publicação de seis outros livros: *Vocabulário de omissões* (1924), *Coletânea de falhas* (1926), *Reparos ao dicionário de Cândido de Figueiredo* (1926), *A terminologia zoológica e científica em geral e a deficiência dos grandes dicionários portugueses* (1927), *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses* (1928) e *Inópia científica e vocabular dos grandes dicionários portugueses* (1932). Taunay considerava que a língua dentre todas as fontes existentes era a mais inesgotável, pois a cada dia novas palavras eram criadas para denominar as inovações tecnológicas, os novos hábitos da sociedade, além das descobertas linguísticas da própria historiografia. Como toda boa polêmica, Cândido de Figueiredo rebateu as críticas de Taunay na obra *Combates sem sangue: em favor da língua portuguesa* publicada em Lisboa em 1925, ano de sua morte. Em resposta, Taunay no último capítulo de *Insuficiência e deficiência* escreveu aquilo que denominou de “Suprema humilhação, Confissão de derrota, Ato de contrição”. Cândido de Figueiredo acusou Taunay de desconhecer a ciência lexicográfica e que, portanto, o seu método de preenchimento de lacunas por meio da literatura, dos documentos e da historiografia era ultrapassado. Diante de tal crítica, Taunay satirizou a partir de uma história contada por seu pai e compôs uma cena na qual os grandes mestres, citados por Figueiredo, estavam em uma sala para aplaudir o “novo gênio da língua portuguesa e da filologia comparada, o sr. Cândido de Figueiredo” e, de repente, perceberam a presença “do díscolo Taunay” que, ironicamente, cita os equívocos mais absurdos cometidos por Figueiredo como verdades inabaláveis. Essa polêmica com Cândido de Figueiredo resultou em muitos dissabores com Capistrano de Abreu, que considerava esses esforços lexicográficos um tempo perdido para o construtor da epopeia bandeirante.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bibliografia ativa: *Léxico de termos técnicos e científicos*. Separata do “Anuário da Escola Politécnica”, São Paulo, 1909; *Crônica do tempo dos Filipes*, Tours, Imprimerie E. Arrault et Cie, 1910; *São Paulo nos primeiros anos*, Tours, E. Arrault et Cie, 1920; *São Paulo no século XVI*, Tours, E. Arrault et Cie, 1921; *História geral das bandeiras paulistas: escrita à vista de avultada documentação inédita dos arquivos brasileiros, espanhóis e portugueses*, São Paulo, Tipografia Ideal; H. L. Canton & Imprensa Oficial do Estado, 1924-1950. (11 tomos); *Reparos ao Novo Dicionário de Cândido Figueiredo*, Tours, Arrault e Cia, 1926; *Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses*, Tours, Arrault e Cia, 1928; *Zoologia fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*, São Paulo, Melhoramentos, 1934; *Monstros e monstregos do Brasil: ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1937; *História do café no Brasil*, Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939/1943 (15 volumes).

Bibliografia passiva: RODRIGUES, José Honório. "Afonso de Taunay e o revisionismo histórico", *História*, São Paulo, v. 17, nº 35, p. 97-105, 1958; RODRIGUES, José Honório, "Taunay e a História", *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, nº. 189, p. 83-100, 1977; LEITE, Mário. *Afonso D' Escragnoille Taunay: historiador de São Paulo Capitania, Província e Estado*. São Paulo: s/ed., 1964; ELLIS, Myrian, HORCH, Érica Rosemeire. *Afonso D' Escragnoille Taunay no centenário de seu nascimento*, São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977; MATOS, Odilon Nogueira. *Afonso de Taunay historiador de São Paulo e do Brasil: perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo, Museu Paulista, 1977. (Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, v. 1); ABUD, Kátia. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições*. (A construção de um símbolo paulista: o bandeirante). 1985. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; ELIAS, Maria José. *Museu Paulista: memória e história*. 1996. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; MAKINO, Myoko. *A construção da identidade nacional: Afonso de E. Taunay e a decoração do Museu Paulista (1917-1937)*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *Museu Paulista: Afonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo, UNESP; Museu Paulista, 2005; ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay*, São Paulo, UNESP, 2011; ANHEZINI, Karina. "Experiências e expectativas: o passado e o futuro da escrita da história luso-brasileira nas cartas e obras de João Lúcio de Azevedo e Afonso de Escragnoille Taunay", in PONCIONI, Claudia; DA COSTA ESTEVES, José Manuel; DA COSTA, José (Éds.). (Org.). *Hommes de lettres et la Res publica au Portugal et au Brésil. Commémorations du Centenaire de la République portugaise*. 1ed. Paris: Michel Houdiard, 2013; ROIZ, Diogo da Silva. *A dialética entre o "intelectual-letrado" e o "letrado-*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

intelectual": projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959), Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2013.

Karina Anhezini



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA